

TRIBUNA LIVRE

17
OUTUBRO
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 02113 - AMARES

A elevada função da Junta de Freguesia

por E M E

ESTAMOS praticamente chegados às eleições das Juntas de Freguesia.

Não é fora de propósito esclarecer a opinião pública sobre a elevada função destas, especialmente acerca das prerrogativas que a Lei lhes confere, mas que nem todos conhecem e, na maior parte dos casos, as próprias juntas não sabem aproveitar convenientemente, não duvidando até que, em grande número, os seus membros desconheçam as verdadeiras atribuições para que foram eleitos.

Por um retraimento pouco cívico ou por falta de visão dos eleitores, não temos visto frequentemente ocupar, pelas pessoas de maior destaque da freguesia, os cargos da sua Jun-

ta, que, como a lei lhe chama, com toda a propriedade, é o «corpo administrativo paróquial».

A magistratura da Junta deve ser honrada como tal, o que não vemos também fazer com a elevação que merece, nem ser compreendida assim por eleitores e eleitos, afigurando-se-lhes cargos banais.

A selecção que entendemos deveria ser feita neste corpo administrativo, pela escolha dos seus elementos, poderia servir para candidatar os cidadãos a mais altos cargos administrativos da vida concelhia, inclusivamente, o de presidente do município, o que tudo seria fácil e cheio de lógica se fosse bem compreendida a função da Junta de Freguesia.

Sabemos pelos factos, que rarissimamente se tem dado a estes corpos administrativos o valor que merecem e têm-se-lhes cerceado até muitos dos seus direitos e sobretudo não se lhes dá a grande ajuda de que necessitam para o bom desempenho das suas inúmeras funções, de alta importância para o bem estar e saúde moral dos paroquianos.

Precisamente, por não serem organismos prósperos, em que a vida se torne difícil aos seus dirigentes, se têm visto afastar os melhores valores destas funções administrativas, os quais lhe poderiam emprestar vida, aproveitando, senão os recursos, que são poucos, pelo menos as regalias que a Lei lhes confere em matéria de assistência ou no fomento que podem promover com a utilização de participações do

(Continua na 6.ª página)

O Cruzeiro do Pilar está assente em um marco miliário e doravante deverá ser considerado monumento nacional.

No próximo número publicaremos um artigo do conceituado investigador Senhor Domingos M. da Silva, nosso distinto colaborador, em que comunicará a sensacional descoberta de o «Cruzeiro do Pilar» estar assente em um autêntico miliário romano, cuja inscrição conseguiu decifrar integralmente.

A infatigável acção do Senhor Professor Domingos M. da Silva, autor da nossa Monografia, dá ao Concelho mais este valioso contributo, ao dotá-lo com um novo monumento nacional semelhante ao «Cruzeiro do Campo», mas talvez mais valioso ainda pela função demarcativa que exerce e pela influência que teve na toponímia local, visto ter sido através dos séculos conside-



Notícias do Canadá

Tivemos já o ensejo de nos referimos à acção desenvolvida pela União Católica Portuguesa do Canadá, impulsionada pelo Senhor Manuel Teixeira, muito conhecido entre nós, a que preside com grande aprumo moral e força de vontade, com aquele ânimo forte que nos ensinou Sá de Miranda, de antes quebrar que torcer.

Assim, depois de ter criado a Instituição, de lhe dar estatutos e vida religiosa e civil, com reuniões periódicas, quer na igreja, quer em sessões solenes de grande alcance social, está a dar vida a um boletim que, embora modesto, mulo útil poderá ser aos portugueses que labutam no Canadá.

Um órgão destes, por muito modesto que seja, exerce sempre influência benéfica, pois que, se não for suficientemente noticioso é pelo menos suficientemente informativo e por vezes pormenorizado sobre a vida associativa, que é o que mais interessa.

Damos, portanto, os parabéns ao Senhor Teixeira e seus colaboradores por terem metido ombros a esta iniciativa deveras louvável.

Transcrevemos o artigo do capelão Pe. Astor Salgado, que se refere à criação do Boletim, nos seguintes termos:

(Continua na 6.ª página)

rado como um simples «pilar» e deste modo haver dado o nome ao lugar do Pilar, meeiro com as freguesias do Bico e Carrazedo.

Casamento elegante

No pretérito domingo, celebrou-se no Santuário do Sameiro o enlace matrimonial da Senhora D. Maria de Lourdes de Araújo com o nosso prezado amigo José Gonçalves Leite, funcionário do Grémio da Lavoura desta Vila.

Ao acto assistiram algumas dezenas de convidados, que em prolongado cortejo automóvel se dirigiram para aquele Santuário, onde se efectuou o acto.

Foram padrinhos o Senhor Dr. Tomé José Gonçalves e sua Ex.ª esposa D. Delfina Almeida Gonçalves. Celebrou a cerimónia o Rev. José de Miranda, pároco da vizinha freguesia de Prozêlo, que antes proferiu aos noivos uma alocução acerca do acto e o seu significado, referindo-se ainda a alguns pontos exarados na Sagrada Escritura, tendo finalizado, com votos pelas maiores prosperidades dos noivos.

Findo este acto toda a assistência se dirigiu para um dos melhores Hotéis da estância do Bom Jesus do Monte, onde foi servido um bellissimo almoço. Entre outros convidados, lembra-nos ter visto as senhoras D. Delfina Almeida Gonçalves, D. Cândida Gonçalves Leite, D. Adelina Martins Araújo, D. Leonilda Marques Ferreira Gonçalves, D. Felicidade Gomes Dias Leite, D. Idalina Oliveira Russell, D. Laura dos Anjos Alves, D. Lídia Ferreira Silva, D. Carma Gonçalves

(Continua na 3.ª página)

Desarmamento

A proposta do Senhor Krustchev e o Polano Britânico

A reacção do Governo Britânico às propostas recentemente apresentadas pelo Senhor Krustchev foi cautelosa.

O Primeiro Ministro, e o Senhor Selwyn Lloyd, Ministro dos Estrangeiros, apresentaram-se na TV para inaugurar a Campanha Eleitoral do Partido Conservador e, referindo-se às propostas de Krustchev, salientaram que a nova Comissão de Desarmamento, composta por 10 Países de ONU, deveria examinar essas propostas conjuntamente com o Plano apresentado pela Grã-Bretanha. Isto significa realmente que os principais aspectos das propostas do Senhor Krustchev terão que ser examinados mais pormenorizadamente, integrando-os num plano mais compreensivo que cubra o desarmamento, não só nuclear, como também clássico.

No entanto, fora das esferas governativas é evidente o desapontamento causado pelas propostas do Senhor Krustchev.

Os jornais salientaram principalmente o facto de que a proposta russa apresenta poucas novidades. Sobretudo, sentem-se que as propostas do Senhor Krustchev dizem mais respeito à finalidade, isto é, aos objectivos, do que aos meios de alcançar o desarmamento. Todos nós concordamos em que o mundo gosta-

(Continua na 4.ª página)

Amanhã, serão eleitos os vogais das Juntas de Freguesia, em todo o Concelho

Como foi tornado público por edital da Câmara Municipal, publicado neste Semanário, foram marcadas as eleições dos vogais das Juntas de Freguesia, para o dia de amanhã.

Damos agora a conhecer as listas apresentadas ao sufrágio, pelas várias freguesias, constituídas pelos «homens bons» das respectivas localidades, as quais vão ser submetidas à votação e são as seguintes:

Amares

Efectivos—Dr. Aristides Marques Vilela, Carlos Alberto da Silva Araújo e José Magalhães Martins Ferreira.

Suplentes—Joaquim António da Silva; José Narciso Lage Leite e Serafim Gonçalves.

Barreiros

Efectivos—José da Costa, Alfredo Soares de Sousa e Domingos José Correia Pórtela.

Suplentes—Cândido Oliveira da Silva, Domingos José Pereira e António de Sousa.

Bestelos

Efectivos—Carolino Alberto dos Reis, Joaquim Gonçalves e Avelino da Silva.

(Continua na 4.ª página)

O Emprego de Plásticos em medicina e cirurgia

Há cerca de 5 anos surgiu como grande novidade a notícia de que uma mulher, operada num hospital de Londres, tinha os ossos de uma perna substituídos por material plástico. A operação tinha-se resumido a substituir a cabeça e o terço superior do fémur, por material plástico.

Isto aparecia então como uma grande novidade, embora anteriormente houvesse casos de intervenções cirúrgicas, em que se substituíam articulações ósseas, por peças em aço inoxidável. No entanto, o

emprego de Material plástico para este efeito, constituía uma novidade e um progresso, pois este material é mais leve que o aço e menos atreito a causar inflamação nos tecidos com que contacta.

Este problema da inflamação é fundamental, porque representa a reacção natural do corpo humano, a qualquer «corpo estranho».

A inflamação pode ser aguda e grave, e causar até septicémias, ou pode ser lenta mas, mesmo assim, perigosa,

(Continua na 2.ª página)

TRIBUNA FEMININA

Este bom açúcar alvo também tem a sua história

PARIS — Por Yves Lémy, da Ultramar — Exclusivo da ANI em Portugal — É uma história que se divide nitidamente em dois períodos, o primeiro com origem na noite dos tempos e o segundo com início na Revolução Francesa.

Parece ter sido a Índia o berço do açúcar de cana. Assim é que o sânscrito nos dá a chave do mistério filológico da origem da palavra «açúcar», semelhante em todas as línguas ocidentais: *sucro, sugar, zucker, suiker*... Em sânscrito, o vocábulo pronunciava-se mais ou menos como «carcará». Eisonos assentes sobre a origem da palavra, mas não sobre a origem do produto. A Índia, diziamos nós, foi o berço da cana do açúcar. Daí os árabes, eternos viajantes, levaram-na para a Espanha, depois os espanhóis levaram-na para as Antilhas e, finalmente, com a conquista da América, para o Novo Continente. Foi então que a América se tornou grande fornecedora de açúcar.

Mas regressemos, modestamente, aos nossos países da Europa Ocidental, que durante séculos conheceu apenas o mel. Quando o açúcar de cana apareceu nas nossas mesas, o seu preço era fabuloso e não era raro ver-se, nas grandes famílias aristocráticas da França, em banquetes de gala, a dona da casa reservar-se a função exclusiva de distribuir o açúcar aos convivas — com bastante moderação, aliás, tal a raridade do produto.

Era esta a situação reinante quando Napoleão decretou o grande bloqueio europeu. O golpe fez desaparecer por completo o açúcar das mesas. Já no decorrer do século XVIII um químico alemão, Margraf, pensara em extrair açúcar da beterraba. Imaginara o processo de extracção, mas nunca conseguira impor a sua industrialização. Um genebrense, Achard, retomou o projecto e construiu várias fábricas, das quais duas na França. Quando o açúcar começou a faltar na Europa, Napoleão recordou-se dessas duas fábricas.

Mas — pormenor irónico — a Academia das Ciências de Paris, solicitada por Napoleão, elaborou longo memorial para demonstrar que a extracção, a partir da beterraba, era impossível — cientificamente, praticamente e industrialmente. Não parece que Bonaparte se preocupasse muito com essa opinião, pois que passou adiante e ordenou simplesmente a atribuição de créditos importan-

tes, destinados a estimular a cultura da beterraba. Ganhou a causa — em 1812, com ou sem bloqueio europeu, o açúcar da beterraba havia triunfado definitivamente sobre o seu concorrente extraído da cana sacarina. Triunfo adquirido com não poucas dificuldades, pois mal Napoleão desaparecera da cena europeia e já os ingleses pretendiam impor de novo o açúcar de cana, não recuando até o extremo de praticar um «dumping» em toda a forma. A indústria ameaçava soçobrar, quando os Governos intervieram em favor da beterraba e esta acabou por se impor.

Hoje, três quintos da produção mundial do açúcar provêm da beterraba. Mas para obter tal preponderância teve de se travar dura batalha. Por instantes, em 1914, esteve quase a perder a partida, quando os agricultores, chamados às armas, tiveram que abandonar as culturas, que se transformaram em campos de batalha. Porém, logo que cessou o matraquear da metralha, a beterraba retomou o seu lento caminho ascendente.

Por outro lado, regularam-se os contingentes de açúcar reservados à beterraba e à cana sacarina, por tratado internacional. No entanto, os dois processos continuam surdamente a sua «guerra fria». Todavia, quantos pontos não têm eles de comum? A fabricação do açúcar, nomeadamente, do que vamos falar.

Se visitardes uma fábrica de açúcar na primavera, ficareis desiludidos com a pou-

(continua na 4.ª página)

Siga estes conselhos

Nódoas de cera

— A melhor maneira de tirar esta espécie de nódoas consiste em molhar a parte manchada com espírito de vinho, ou mesmo aguardente bastante forte e esfregá-la depois. A cera desfaz-se imediatamente e a nódoa desaparece.

As nódoas de cera em veludo de qualquer cor que seja, exceptuando o carmezim, tiram-se com uma fatia de pão bem torrada e bem quente, a qual se aplica sobre a cera uma e outra vez até absorvê-la toda.

Cores que maream

— É do conhecimento das boas donas de casa que uma mão cheia de sal dissolvida na última água por que se passa um tecido cujas cores mareiam, fixará as tintas evitando este aborrecimento.

CULINÁRIA

Tripas à portuguesa

2 hg. de tripas, 200 gramas de presunto, cortado em pedaços, 200 gramas de salpicão, cortado em rodela, 6 cenouras, cortadas às rodelas, 4 cebolas, 1/2 litro de feijão manteiga branco, 1/2 decilitro de azeite, sal q. b., 2 limões, cortados às rodelas.

Preparam-se as tripas como já se disse e cozem-se em água temperada de sal.

Noutro tacho coze-se o feijão em água também temperada de sal.

Põe-se num tacho o azeite, a cebola, as cenouras, o presunto, o salpicão e deixa-se alourar um pouco.

Juntam-se-lhe então as tripas cortadas em pedaços e o feijão e deixam-se ao lume durante uns trinta minutos.

Deita-se tudo numa terrina e serve-se bem quente.

Carneiro assado

Sempre que deseje preparar uma perna de carneiro, ou um carneiro, deve deixar um dia inteiro em vinha-de-alhos para que tome bem o gosto dos temperos.

1 perna de carneiro, salsa, louro e alho q. b., pimenta, sal e cebola q. b., vinho branco e vinagre q. b., 2 colheres (das de sopa) de pingue, caldo de carne q. b.

Nódoas de vinho

— Sendo frescas, tiram-se cobrindo-as de sal e deitando água a ferver em cima. Ou então meta-se o tecido manchado em leite a ferver.

Cheiro de legumes

— O desagradável cheiro dos legumes a cozer (couves, nabijas, etc.), e que às vezes se espalha pela casa toda, evita-se pondo-se a cozer juntamente um pedaço de pão duro ou espremendo na cozedura o sumo de um limão.

Nódoas de verdete

— A prata atacada de verdete pode ser limpa por meio de um fósforo molhado numa mistura, metade vinagre, metade amoníaco. Enxágue abundantemente, e limpe em seguida, como de costume.

Manchas de tinta a óleo

— Poderão ser removidas inteiramente, se depois de raspá-las bem, lhes aplicar uma mistura de álcool com essência de terebentina (aguardas).

Nódoas de gordura

— Tiram-se radicalmente, esfregando o sítio onde estão, com um pano molhado em benzina, e em seguida com uma solução de amoníaco que restabelece a cor primitiva.

O Emprego de plásticos em medicina e cirurgia

Continuação da 1.ª página

pois se as prolongar, durante muito tempo, pode até provocar cancro.

No entanto, a grande voga desta espécie de plástico que se produz à cadência de mais de 500 toneladas por ano, é devida aos dentistas. Com efeito, fabricam-se mais do que 150 milhões de dentes, todos os anos e aproximadamente metade são utilizados na Grã-Bretanha. A base das dentaduras que costumava ser feita duma borracha especial, passou agora a fazer-se em plástico.

Os dois plásticos que formam uma dentadura postiça têm que suportar pressões da ordem dos 90 kilos em cada movimento de mastiga-

Prepara-se e tempera-se com um pouco de salsa, louro, pimenta e a cebola, tudo esmagado com um pouco de sal; esfrega-se bem a perna com estes temperos e deixa-se assim durante 1 hora.

Mistura-se um pouco de vinagre com água e vinho branco, deita-se por cima do carneiro, regando-o bem e deixa-se ficar nestes temperos durante três horas.

Coloca-se o carneiro numa assadeira com todos os temperos, põe-se o pingue em pedaços sobre a carne e leva-se ao forno a assar.

Acrescenta-se-lhes ao molho um pouco de caldo com o qual se vai regando de vez em quando, ao mesmo tempo que se vira de um lado e doutro para assar igualmente de todos os lados.

ção e calcula-se que a maior parte das pessoas, mastiga cerca de 3.000 vezes por dia — sem falar, é claro, naquelas que mastigam chewing gum.

Outro emprego corrente do material plástico é os dos olhos artificiais. Uma das grandes dificuldades do antigo olho de vidro, era o facto de que a sua presença na cavidade ocular, provoca uma actividade anormal das glândulas lacrimais. Como a lágrima contém fluoreína, o olho de vidro vai-se corroendo, a pouco e pouco, não são raros os casos em que o vidro estala na cavidade ocular. O material plástico é muito menos irritante do que o vidro, e portanto o seu emprego está mais indicado em oftalmologia, não só para olhos artificiais como até para lentes de contacto.

Uma das grandes dificuldades do material plástico, até agora, provinha da esterilização que não podia ser feita pelos processos ordinários, o que vinha complicar o seu emprego.

Sob este aspecto, obteve-se recentemente um progresso nítido, pois se podem esterilizar objectos plásticos, expondo-os a radiações «gama» provenientes de materiais tratados em pilhas atómicas. Isto vem facilitar o tratamento interno de várias doenças, entre elas o cancro, pela substituição dos cilindros de aço inoxidável que continham rádio ou isótopos rádio-activos, por cilindros idênticos, mas de material plástico.

Dos S. I. E. B.

AMARES

(Saudação)

Amares, — linda terra, — idolatrado berço,
Onde nasci, criança, a sonhar madrigais
Num dos vastos vergeis mais belos do Universo,
De oliveiras plantado e verdes laranjais;

Amares, — verbo amar, — grande poema em verso,
Onde Sá de Miranda em estrofes geniais
Filosofou com a Musa, e em Poesia imerso
Cantou este pomar de graças naturais;

Eu te saúdo Amares! — terra de heróis guerreiros, —
Solarengo rincão de nobres cavaleiros
Brandindo a espada austera em lances mauritanos.

Em defesa da Fé, do solo abençoado,
Contra as hordas pagãs, firmadas no Condado,
Que punham decadente a paz dos Lusitanos!...

6/10/959

Rodrigues Carrazedo.

Visado pela Censura

TRIBUNA do CONCELHO

Reunião Camarária

Internamentos no Hospital

O Hospital de São Marcou de Braga, comunicou o internamento dos doentes José Nicolau Silva Tinoco, de Figueiredo, Manuel Delfim Gomes, de Prozelo, Artur Domingos Araújo, de Bouro, José da Graça, de Portela, Adelaide Esteves, de Seramil, Gracinda de Jesus Rodrigues, de Santa Marta de Bouro, Gracinda de Jesus Antunes de Araújo, de Bouro, Virgílio Veloso da Silva, de Vilela, Rosa Celeste Soares, de Fiscal, Glória Lopes de Oliveira, de Lago, e de Maria de Jesus Dias. Organizem-se os respectivos processos.

Eléctricificação de Caires

O Padre Calisto Vieira, pároco da freguesia de Caires, em nome dos seus paroquianos do lugar da Cruz, pediu autorização e um subsídio para o prolongamento do ramal eléctrico que já abastece a Igreja, até à escola primária daquela freguesia, beneficiando com esta extensão, não só o referido lugar como também, o lugar do Paço Velho, lugar onde se encontra implantada a escola.

O Senhor Eng.º Fritz Hoese informa que não há inconveniente na montagem do ramal, o qual poderá ser já montado sem se aguardar prévia licença, em virtude de só ter 500 metros de comprimento e que o projecto se pode apresentar na altura de se pedir a vistoria aos Serviços Eléctricos. O Leitor Cobrador Vigilante estima a obra em, aproximadamente, dez mil escudos.

A Câmara concede a primordial autorização solicitada pelo senhor P. Calisto no seu requerimento e posteriormente resolve conceder um subsídio para a iluminação exterior, que considerava por esse termo a iluminação pública ao largo do caminho.

Ante-plano de Urbanização de Amares

Da Repartição de Estudos de Urbanização da Direcção dos Serviços de Melhoramentos Urbanos, informam, relativamente ao anteprojeto de Urbanização de Amares, que deve ter havido má interpretação nas instruções recebidas directamente do S. Ex.ª o Subsecretário das Obras Públicas, pois se julga de toda a vantagem dar a conhecer ao novo urbanista os trabalhos anteriores e parecer sobre eles emitidos. Informa, ainda, que quanto à proposta de remuneração do urbanista, deve ser por ele revista em face dos elementos de estudo e apreciação já disponíveis. O Senhor Presidente informou que S. Ex.ª disse:—Na minha opinião não deve mostrar nada do ante-plano anterior, mas sim fazer tudo de novo, e que é esta também a sua opinião. Informou ainda das dificuldades financeiras do município e consequente impossibilidade de expropriação, pelo que quase tudo que está considerado no actual ante-plano terá que ser revisto pois terão que ser modificadas as zonas habitacionais, habitação e terrenos, espaços livres, zona de reserva etc. etc. Determinou, ainda, o Senhor Presidente que fosse enviada cópia do ofício atrás citado ao novo Arquitecto Urbanista. Inteiro

Requerimentos de Obras

É novamente presente o requerimento de João Gomes de Abreu, do lugar da Faia da freguesia de Rendufe, solicitando licença para proceder à vedação, com carácter provisório, de um terreno sito no referido lugar e freguesia. O zelador informa que não há inconveniente na concessão da licença requerida desde que o impetrante respeite o alinhamento por ele fixado, ficando, assim, o caminho com a largura de 4 metros. Foi deferido pelo Senhor Presidente nos termos do art. 78.º do C. A. Ratificado.

Processos de Servidão

Manuel Lopes de Almeida, de Bouro Santa Marta, pediu licença para colocar três metros de cano de cimento para conduzir água para sua propriedade, no caminho público do lugar de São Bartolomeu da mesma freguesia. Pelo requerente foi feito o preparo da importância de 400\$00. Designados para se deslocar ao local e informarem a Câmara da obra a executar pelo requerente, os senhores Eng. Alberto José Vale Rego Amorim e o zelador Municipal José Carlos Vieira, e resolvido publicar editais.

Processo de licença de ocupação

É novamente presente o requerimento de José Olival do Nascimento, de Caldelas, pedindo licença de ocupação de uma garagem sita no lugar de Passos, da mesma freguesia. Os Peritos, Engenheiro Alberto José Vale Rego Amorim, Dr. Eduardo Gonçalves e José Carlos Vieira, informam que tendo vistoriado a referida garagem a consideram em condições de ser ocupada. Concedida a respectiva licença de ocupação.

Casamento elegante

Continuação da 1.ª página

Macedo, D. Sameiro Leite, D. Berta Leite, e os senhores, Dr. Eduardo Gonçalves, Capitão Alberto Afonso Leite, Padres Albino José Fernandes Alves e José de Miranda, António de Barros Gonçalves, José Gil de Macedo, Elísio Gonçalves, Joaquim Barbosa de Macedo, António Russell, José Bento Antunes, Joaquim José da Silva, António Gregório Araújo, Artur Ribeiro e tantos outros.

Aos brindes usaram da palavra vários oradores, que puseram em destaque as qualidades dos noivos, os quais ao fim da tarde seguiram em viagem de núpcias para o sul do país. Tribuna Livre, ali representada, felicita os noivos, fazendo votos pelas suas maiores prosperidades.

B. Fernandes

C.T.T. da Feira Nova

A partir do dia 12 foi a Estação desta localidade dotada com um carteiro privativo, que faz a distribuição nas freguesias de Ferreiros, Prozelo, Caires e Besteiros, cargo este que está a ser desempenhado pelo veterano Senhor João Manuel da Silva, pessoa muito prestável e que sempre desempenhou o lugar como maior zelo.

Pedem-nos para chamar a atenção dos interessados, que a correspondência dirigida às referidas freguesias, inclusivamente a do Largo Dr. Oliveira Salazar, deve levar a indicação de Feira Nova—Amares, e não somente Amares, para evitar atrasos aborrecidos.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos: Segunda-feira, o Snr. José da Costa Azevedo.

Quarta-feira, o menino Fernando Lucílio da Costa e o Snr. Artur de Freitas.

* * *

Passou na quarta-feira, dia 14, o aniversário natalício da senhora Laura de Andrade Machado, extremosa esposa do nosso particular amigo, senhor Domingos da Costa Machado, actualmente residente no Canadá.

Por tão faustosa data, sua família deseja-lhe muitas felicidades.

Carta de Lago

Meu caro amigo António:

Tenho notado que os Párocos fazem nas missas paroquiais bastantes, talvez até, demasiados avisos.

A confirmar esta minha opinião está a observação que o senhor Abade de Lago fez em um dos últimos domingos, por causa dos avisos do pagamento do imposto de trabalho.

Há coisas que interessam a todos e outras de interesse particular. As primeiras é natural que possam e devam ser avisadas nas igrejas, se não há outros meios de publicidade eficazes. As segundas devem, logicamente, ser postas de parte. Assim: avisar coisas achadas ou perdidas, os manifestos de sementeiras, ou plantações, e colheitas, parece útil, em freguesias rurais.

Avisar os impostos de estabelecimentos comerciais, que os avisos do imposto do trabalho se encontram em casa de tal comerciante ou do Senhor Regedor, e semelhantes, não parece merecerem o atraso que produzem nas missas paroquiais. Com efeito, além da possibilidade de alguns irem às romarias ou faltarem à missa por descuido ou doença e portanto não terem conhecimento dos avisos feitos na igreja, pode acontecer que outros se não dêem com o tal comerciante ou com o Senhor Regedor e se não achem na disposição de irem a casa deles, buscar os ditos avisos.

Sobre este ponto, o referido sacerdote afirmou que os Párocos não têm tempo de fazer

tantos avisos porque a sua missão é ensinar e os avisos do imposto do trabalho e semelhantes, deviam ser mandados directamente, pelo correio, aos contribuintes, e não colados na casa deste ou daquele, tanto mais que as Câmaras não pagam selos. De facto, pelo correio, é mais fácil os avisos chegarem ao destino.

É verdade acontecer às vezes, como declarei há pouco em auto na Estação dos correios de Amares, que estes avisos não cheguem ao destinatário.

Estes factos esporádicos não podem todavia invalidar a in-

(Continua na 5.ª página)

HUMORISMO

Afinal!

Depois de uma ausência de dezoito meses, chegou a casa sem ser esperado certo indivíduo e encontrando a esposa prestes a ter o seu bom sucesso.

Imagine-se o desespero do pobre homem... Os amigos procuram convencê-lo com argumentos... Era até naturalíssimo!

— Isso sim!—respondia choroso—eu bem sei que são precisos só nove meses... Nisto ouviu-se um grito e pouco depois apareceu a parteira, anunciando o nascimento de dois gémeos...

Então o feliz esposo, cheio de alegria, exclamou:

— Ah! pobre Sofia! E eu que cheguei a duvidar de ti... Dois vezes nove são dezoito!

Tio e sobrinho

Apesar de seres filho de meu irmão, vejo-me obrigado a despedir-te. O que me faz pena é o desgosto, que isto vai dar a tua mãe!

Ah! não lhe dê cuidado, tio. Minha mãe tem-se cansado de me repetir que já está admirada de eu ter aturado o tio tanto tempo!

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

Eleição das Juntas de Freguesias

(Continuação da 1.ª página)

Suplentes—Egídio Vieira da Cunha, José da Mota e António de Macedo.

Bico

Efectivo—António José Alves, José de Azevedo e Albino José de Oliveira.

Suplentes—Armandino da Silva Pinheiro, António José Pinheiro e João Manuel Veloso.

Bouro Santa Maria

Efectivos—Mário de Jesus Fernandes de Almeida, António Manuel Artur Soares e José Manuel da Mota.

Suplentes—Cândido da Silva Afonso, Aníbal Manuel Ribeiro e Francisco Domingues.

Bouro Santa Marta

Efectivos—João Baptista Marques Vilela, José Maria Rodrigues e António Acácio Soares dos Santos.

Suplentes—Adelino Augusto Pereira, Antero José Rodrigues e Emílio Francisco de Oliveira.

Cairos

Efectivos—José Maria Alves, Luís de Sousa e Luis Gonzaga da Silva.

Suplentes—Júlio António Baptista da Silva, Adolfo da Purificação Dias e Adelino de Carvalho.

Caldelas

Efectivos—José A. drubal de Oliveira, João do Nascimento Soares e António Alves da Mota.

Suplentes—Horácio Barbosa Leite Vieira, José António Soares e João Pereira da Rocha.

Carrazedo

Efectivos—Elísio António Gonçalves, Eusébio Exposto e Joaquim Rodrigues.

Suplentes—Alvaro Gomes da Costa, Domingos José Rosadas e Venâncio Manuel Fernandes.

Dornelas

Efectivos—Fernando José da Costa, Manuel António de Oliveira Arantes e Manuel António Vieira.

Suplentes—Deonísio de Jesus Vieira, Vitor António da Silva Coelho e Manuel Agostinho de Oliveira.

Ferreiros

Efectivos—António Baptista de Macedo Fernandes, José Manuel Barbosa de Macedo e João Gonçalves.

Suplentes—António Bernardino Barbosa, Janúrio da Silva Barros e Joaquim Emilio Monteiro.

Figueiredo

Efectivos—José Cândido de Castro, Alfredo Neves e Ernesto da Silva.

Suplentes—Adelino do Sacramento Vieira, João Antunes e Manuel de Araújo.

Fiscal

Efectivos—Manuel de Almeida, António de Azevedo e António de Almeida.

Suplentes—Abílio Fernandes, João Avelino Soares e Jorge Manuel das Eiras.

Goães

Efectivos—Duarte da Silva Fernandes Maia, Manuel António de Freitas e Manuel Joaquim da Silva Carvalho.

Suplentes—André Fernandes, Abílio Alfredo de Sousa e Cândido de Sousa Rodrigues.

Lago

Efectivos—António de Sousa Peixoto, António José Alves e José António Pires.

Suplentes—José Soares Mendes, José Soares da Costa e Alfredo António da Cunha.

Paranhos

Efectivos—Delfim da Rocha Pereira Cracel, António da Silva e José António Fernandes do Vale.

Suplentes—Januário da Silva, José de Almeida e João da Silva Afonso.

Parões Secas

Efectivos—Jaime Deocleciano Gonçalves, José Maria da Costa e José Maria Gonçalves.

Suplentes—António Joaquim da Costa, António da Silva e Sousa e António da Silva Veloso.

Portela

Efectivos—Amadeu de Araújo Dias, João Ramalho Vieira e Domingos Faria Pereira.

Suplentes—Joaquim de Almeida, Cândido de Andrade e José Soares.

Proselo

Efectivos—Domingos José Antunes de Araújo, José Ribeiro e José Joaquim de Azevedo.

Suplentes—João Joaquim Pereira, Amadeu Ernesto da Silva e José Joaquim da Costa Azevedo.

Rendufe

Efectivos—António da Silva Machado, João de Oliveira Freitas e Serafim Veloso de Barros.

Suplentes—Manuel Lopes, Domingos da Silva Barros e Amadeu Gomes.

Sequeiros

Efectivos—Francisco António da Costa, Domingos José Pereira e António de Oliveira.

Suplentes—Domingos de Oliveira, António de Sá Barros e Sebastião de Barros.

Seramil

Efectivos—João Pereira Pinto, Manuel António da Costa e Bento José Pereira.

Suplentes—João Hilário Antunes, António Maria Rodrigues e José Soares.

Seramil

Efectivos—João Paio da Silva, Manuel Augusto da Silva e João Hilário Antunes.

Suplentes—João Maria da Silva, Albino José Fernandes e António Gonçalves Pimenta.

Torre

Efectivos—João de Araújo Martins, Augusto de Almeida Barbosa e João Soares da Rocha Gama.

Suplentes—Alberto da Silva Almeida, Abílio Ramalho Vieira e João Fernandes.

Vilela

Efectivos—Clemente Marques Pereira da Silva, Delfim de Araújo e José Maria Antunes Maia.

Suplentes—José Antunes Maia, Albino de Jesus da Cunha e Virgílio dos Santos Mota.

DESARMAMENTO

As propostas do Senhor Krustchev e o Plano Britânico

Continuação da 1.ª página

ria de ver as armas nucleares, os exércitos, as marinhas de guerra e as aviações militares, as bases militares e todos os seus variados armamentos, postos de parte. O Senhor Krustchev, no entanto, não explica como é que se vai atingir esse desejável objectivo.

É verdade que o Senhor Krustchev se referiu a «um controle internacional na composição do qual entrassem todos os países», e que teria ao seu dispor «todas as facilidades necessárias para exercer um controle.» Mas o Senhor Krustchev não especificou qual seria a natureza dessas facilidades.

Os países ocidentais, precisam de saber mais qualquer coisa, acerca dessas facilidades, pois que, como alguns jornais londrinos, lembraram, a inspecção é o fulcro de qual-

quer plano de desarmamento. Este ponto de vista é partilhado pela oposição Trabalhista embora esta, à primeira vista, tenha parecido acolher com mais calor as propostas do Senhor Krustchev. O Senhor Gaitskell, «leader» da oposição, declarou há poucos dias: «Se o Senhor Krustchev está preparado para aceitar uma inspecção e controle de verdade, esse facto terá uma tremenda importância e será a mais risonha esperança para o mundo». A grande maioria do povo britânico concorda com o Senhor Gaitskell, mas sente que é preciso esclarecer esse se. Sente-se também que, deve haver controle e inspecção, tanto dos armamentos nucleares, como dos clássicos, antes de se iniciar o desarmamento. Além disso é opinião geral de que, o desarmamento se pode atingir apenas gradual e progressivamente, por etapas sucessivas. É evidente que levará tempo a destruir as barreiras de desconfiança mútua existentes de ambos os lados.

O desarmamento integral, poderá apenas ser alcançado no final de um período, durante o qual, se tenha atingido pouco a pouco a confiança mútua, e quando haja de ambos os lados a certeza de que o outro está a obedecer rigorosamente às regras.

É por isso que o Plano britânico aparece em geral a toda a gente, como o que oferece as melhores bases de negociação. Esse plano foi explicado pelo Senhor Selwyn Lloyd na ONU no dia 17 de Setembro, e tem em vista alcançar o desarmamento em 3 fases sucessivas.

A primeira fase consistiria naqueles pontos das propostas anteriores que poderiam ser postos em execução imediatamente, tais como a organização de uma entidade que coligisse informações de ordem militar, estudasse tecnicamente a maneira de cessar ou suspender a utilização de material físsil para a manufactura de armas e a entrega de quantidade e tipos estipulados de armamentos que ficariam sob custódia internacional.

A segunda fase introduziria a «cessação», o estabelecimento dum sistema de inspecção contra ataques de surpresa e a redução progressiva de armamentos clássicos e contingentes militares.

A terceira fase seria a de «desarmamento compreensivo de todas as potências, sob controle internacional eficaz».

Se for possível chegar a acordo sobre o plano britânico, ou sobre uma combinação dos dois planos, que satisfaça inteiramente as exigências ocidentais quanto a inspecção e controle, então haverá esperanças de progredir neste problema de ordem vital.

Até que seja possível receber dos russos garantias sobre este ponto, a atitude britânica, continuará a ser de expectativa cautelosa. Dos S.I.E.B.

Este bom açúcar alvo

Continuação da 2.ª página

ca actividade que ali reina. Vereis apenas uma equipa bastante reduzida de operários, ocupados com a manutenção das máquinas. É que a beterraba é uma planta muito frágil, que deve ser tratada prontamente e sobretudo o suco que dela se extrai não pode suportar demoras longas. Fermenta em menos de 48 horas. Por isso as fábricas instalam-se sempre na proximidade imediata das áreas de cultura e não é raro ver, no outono, por altura da colheita, as fábricas a trabalharem dia e noite, com turnos sucessivos de operários. A maioria dos trabalhadores contrata-se por estação. Só as equipas de conservação de material trabalham todo o ano.

É propositadamente que dizemos fábrica de açúcar e não refinaria. Efectivamente, esta constitui indústria colateral, como veremos depois. Noite e dia, carradas de beterrabas entram na fábrica, em vagões repletos. Imediatamente são levadas com o maior cuidado — nenhuma poeira deve ficar aderente — e talhadas em rodellas finas, por máquinas apropriadas. Depois, essas lâminas passam para os difusores, que são máquinas percorridas por uma corrente de água que, lavando-as, lhes extrai o açúcar.

Isto merece uma pequena explicação. O grande químico Bertholot havia já provado que os gases encerrados em balões julgados impermeáveis confundem-se depois de algum tempo, se se encontrarem próximos. Idêntico fenómeno de osmose observa-se nas células. Algumas delas são cobertas por uma membrana semi-impermeável — isto é: que deixa escapar,

numa só direcção, certas matérias nelas contidas. Ora a célula açucareira da beterraba pertence a essa categoria. Por consequência, elevam-se as lâminas a temperatura determinada para se matar a célula. Ao passar a corrente de água, dissolve, por osmose, o açúcar das células, o que equivale a dizer que, ao sair dos difusores, transforma-se numa corrente de suco, deixando atrás de si apenas a polpa.

No entanto, o suco contém ainda inúmeras impurezas, que é preciso eliminar. Para isso acrescenta-se cal, que goza da propriedade de dissolver as impurezas e de formar depósitos de mais fácil extracção. A fim de fazer-se desaparecer o último traço de cal, o suco é submetido à acção de foles de dióxido de carbono, que transforma a cal em carbonato de cálcio, insolúvel e depositável. Filtra-se em seguida o suco e evapora-se, progressivamente. Depois da evaporação, obtém-se um suco espesso e muito açucarado, que é cristalizado em tambores centrífugos. O resultado é um açúcar cristalizado de tom alourado.

É então que a refinação entra em acção. Não é necessário que a refinaria esteja instalada junto à fábrica, pois que o açúcar loiro pode ser conservado. De novo o açúcar é cuidadosamente lavado, derretido e filtrado, depois mais uma vez cristalizado, em tambores centrífugos. A operação projectada para o exterior uma massa bastante compacta — o melaço — utilizada na alimentação do gado e no fabrico de alcoois inferiores.

Só então a refinaria produz, a partir do açúcar já branco, os quadrinhos, o pó, todos esses tipos de açúcar que encontramos nos armazéns e nas mesas. — ANI

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 52

(CONTINUA)

mo enquanto se procedia a habitual descanso que dispunha as forças para o primeiro escalão da montanha *Requiem* ou Caires de Requeão, como foi conhecida antigamente; daí a *Saliniana*, outra estação das milícias romanas — de *Salire sair*, ou saltar das carroças — *Saim*. Retomando o caminho, atingia-se por alturas de Covide o percurso de umas 25 milhas que o respectivo padrão acusa, motivo bastante para se considerar levada a efeito uma boa jornada e repousar a noite Cubiti na forma da decadência ou baixo latuir — *dormida*. Estabeleça-se o paralelo com *Cubidi* das Inquirições e escusam-se mais análises e observações.

* * *

Foi há muito extinta e anexada a esta antiga freguesia de S. Silvestre de Freitas que figurava no velho quadro paroquial das Inquirições: *De Sancto Silvestre de Freitas*.

Orago—Santa Marinha. Foi outrora uma vigairaria anexa a S. Paio de Carvalheira.

Está situada em campina, donde se descobre toda a Ribeira de Homem e do já mencionado sítio de Perra—moura, em dias claros, chega a descobrir-se o Mar, a uma distância de mais de 10 léguas.

Compõe-se dos lugares da *Igreja, Covide, Sá e Freitas*.

Em 1706 tinha 45 vizinhos; em 1875 andava pelos 82, com 402 almas; agora 130 e 500 habitantes.

A densidade da população foi relativamente muito mais notável e intensiva em tempos imemoriais, que o viver das montanhas se tornava mais seguro e tranquilo contra as constantes invasões e ameaças de povos inimigos e estranhos.

É terra fria e pouco mimosa; o gado bovino e miudo, apascentado em rebanho ou *vezeiras*, constituiu desde os bons tempos patriarcais a principal fonte de subsistência de seus habitantes, assim como das terras circunvizinhas, uma vez que imperava o antigo regime pastoril. Recorriam por isso ao fabrico do queijo, manteiga e mel. A extraordinária abundância de castanhas e landes permitia-lhes engordar porcos para consumo doméstico e para os senhores da terra, a título de foro ou pensão, como se infere, das Inquirições. Ao mesmo tempo dedicavam-se habitualmente à caça.

(Continua no próximo número)

GERÊS

Pequenino e sombrio
Entre serras escondido,
Mas até no estrangeiro
O teu nome é conhecido.

Além da tua beleza,
Tens a água medicinal,
Grande fonte de receita
Que engrandece Portugal.

Portugueses, estrangeiros,
Tudo no Verão te procura
Nesse pequeno recanto;
Eles têm a sua cura.

E do Minho ao Algarve
Quase todo o português
Tem ouvido referências
A's belezas do Gerês.

Remodelações e obras
São projectos importantes,
Para poder receber,
Melhor, os teus visitantes.

Com a beleza que tem,
Alindá-lo ainda mais,
Assim, o nome Gerês
Não morrerá nunca mais.

Tancos 13/9/59
José Silva

Moimenta Baptizado

No dia 11 deste mês realizou-se na freguesia de Moimenta, o baptizado duma criança do sexo masculino, a quem foi posto o nome de Manuel Faria Fernandes, filho do nosso muito estimado G.N.R. Manuel Fernandes e de Maria da Piedade Faria.

Foram padrinhos: Manuel Joaquim Martins e sua esposa Maria Ferreira, moradores no lugar de S. Pantaleão, da freguesia de Balança.

Valdosende

Está nesta freguesia a passar 30 dias de licença na companhia de seus pais e irmãos, o Sr. Fernando Augusto Loureiro Figueiredo, muito digno G.N.R., prestando serviço nesta garbosa Corporação na 2.ª Companhia do Batalhão 2, em Lisboa. Este nosso presado amigo e irmão do Rev. mo Pe. António Firmino Figueiredo, pároco da referida freguesia. Dejamos que ele, na companhia dos que lhe são queridos, goze uns merecidos e felizes dias de férias.

G. Bastos.

Lago (Amares)

Continuação da 3.ª página

discutível superioridade dos correios. Na minha opinião as faltas que se notam entre nós (v. g. ainda no mês de Setembro ao pagar o meu imposto do trabalho na Câmara de Braga, o Senhor Tesoureiro garantiu-me que os avisos tinham sido enviados pelo correio aos contribuintes e eu não o recebi,) podiam ser reparadas com um distribuidor ao domicilio.

—Começou o tempo da caça e com ele alguns aborrecimentos.

No domingo passado o Senhor Agostinho Soares foi mal tratado por uma espingarda quando se divertia à caça. Felizmente não houve perigo de maior. Mas houve susto...

Na 2.ª feira uns senhores caçadores mataram o meu gato, com um tiro, dentro do meu terreno. Confesso-te que não compeendo bem as ideias dos que se fazem caçadores. Dizem eles que podem matar os gatos a trezentos metros da casa. Já vi um caçador matar um gato a menos de cem metros, da casa do dono... Encontrei no tempo defeso, matilhas de cães a correr atrás dos coelhos entre o meu milho. Poderia matá-los? Andavam sem dono, a mais de trezentos metros...

Eram vadios!...

13-10-1959

J. Moreira

Chorense em Festa!!

No dia 7 do mês corrente, teve a freguesia de Chorense início dum tríduo de pregações para a sua linda e grandiosa festividade do Coração de Jesus, que se realizou no dia 11, tendo decorrido tudo com o maior esplendor e brilho que se pode imaginar.

Ao romper da aurora, os sinos da freguesia repenicamente a festa, convidando todos os fieis a receberem «Jesus Sacramentado».

Cerca das 10 horas, deu entrada no lugar do Bário, a sempre afamada música da Vila de Terras de Bouro, que, com a marcha titulada a «Jubilosa», satisfez o público com os seus harmoniosos acordes.

Pelas 11 horas e trinta minutos, foi organizada a procissão que saiu do lugar do Bário, para a igreja, onde tomaram parte todas as irmandades da freguesia, tendo sido a mesma embelezada com 10 andores, mais de 60 figu-

rados e muito povo das freguesias circunvizinhas.

Chegada à igreja, seguiu-se o sermão da respectiva festividade, por um distinto orador da ordem Franciscana.

No fim do sermão teve lugar a missa cantada, acompanhada a grande instrumental.

Da parte de tarde, girândolas de foguetes «estralejaram no ar» com frequência, enquanto a banda de música animou o público com as belas obras do seu repertório.

O Crispim de Vilar, felicitou o Reverendo Pároco daquela freguesia, pela maneira como organizou a referida festividade.

Só assim, se pode dizer que a freguesia de Chorense, no dia 11 do mês em curso, rejubilou de alegria!!

Parabéns, Snr. P. Abel, Parabéns!!!

Crispim de Vilar



**COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO',
SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS**

FUNDADA EM 183

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

PELA MAIOR OFERTA

VENDE-SE

Ou troca-se por outra em Lisboa ou arredores

CASA DE LOJAS E PRIMEIRO ANDAR COM GARAGEM
E GRANDE QUINTAL COM VINHA E LARANJAL

CAMPO DA «TOMADA» COM GRANDE OLIVAL, VINHA
E LARANJAL COM AGUA CORRENTE E COM MOTOR
E CASA DE CASEIRO

Bouça da Boa Vista e Bouça de Vila Nova
do Lugar do Pilar, freguesia de Fiscal (Amares)

Carta a Augusto Rodrigues Macedo

Rua Washington 114-C — LISBOA

Já não é um acontecimento fazer-se um lato com 2,25 de fazenda, mas sim uma realidade que se confirma dia a dia. E se V. Ex. é dos que ainda duvida? Então visite.

ALFAIATARIA BELCORTE

DE

José Eduardo Macedo Gonçalves

Alfaiate diplomado em obra de

Senhora, homem e criança

Nesta casa tem V. Ex. ao seu dispor grande e boa colecção de fazendas nos mais bonitos padrões e nas melhores qualidades. Visitar esta casa é ter a certeza de visitar bem. N.B. Brevemente inauguração de novas e modernas instalações.

B. Corte — Amares

A elevada função da Junta de Freguesia

(Continuação da 1.ª página)

Estado para muitos melhoramentos que estão sob a sua alçada.

Uma junta de freguesia com homens activos e bem competidos da sua função, poderia promover uma série de melhoramentos para que a Lei lhe confere poderes, no aproveitamento de águas e na construção e reparação de fontes e lavadouros, na construção ou alargamento de cemitérios, na construção e reparação de caminhos, na fundação de instituições de utilidade paroquial, de entre as quais citamos: cantinas escolares, postos de protecção à maternidade e à primeira infância, aulas de ginástica e colónias de férias, organização de postos de socorro e de muitas outras coisas referidas na Lei ou que ela implicitamente reconheça.

As juntas podem intervir em quase toda a matéria de assistência, inclusivamente, na distribuição de socorros e na repressão da indigência estranha à freguesia; e só nesta última parte, que preciosos serviços poderiam prestar!

Evidentemente que às juntas faltam as receitas necessárias para realizarem muitas destas coisas, mesmo uma boa maioria ou a quase totalidade das suas atribuições, mas, paralelamente aos recursos materiais, carecem igualmente de homens bem formados que lhes facilitem a vida.

Aos subsídios obrigatórios que a Câmara lhes têm de dar, pode juntar-se-lhes as participações e, quando os recursos não cheguem, a derama justifica-se em muitos casos de manifesta utilidade para a freguesia ou parte da freguesia.

Em matéria de baldios as

atribuições das juntas são bastante amplas e o seu aproveitamento possibilita-lhes bons rendimentos; podem também fazer interpretar, modificar e revogar posturas em alguns casos, propor expropriações por utilidade pública e executar empreitadas por administração directa.

Torna-se evidente a utilidade das juntas de freguesia no amparo e valorização das famílias que as elegem, e, precisamente por estarem em maior contacto com as necessidades locais deveria reservar-se-lhes mais amplo domínio no desempenho das suas funções e conceder-se-lhes os meios materiais indispensáveis para as levar a efeito: as Câmaras com a concessão de maiores subsídios e assistência técnica; o Estado com participações mais elevadas pelos Fundos do Desemprego e dos Melhoramentos Rurais, que dum maneira geral deveriam atingir 75% (quando pedidos pelas juntas), a exemplo do que já se faz para muitos outros casos.

A concessão directa de subsídios às juntas, levaria a uma melhor distribuição de benefícios e interessaria muito mais de perto as populações beneficiárias na sua execução.

Se as atribuições das juntas já são grandes, maiores ainda se deveriam tornar em matéria de melhoria do nível da vida rural e não vemos razão para que seja vedado às juntas de freguesia contrair empréstimos, amortizáveis pela consignação dos rendimentos de obras de fomento, que muito bem poderiam realizar por iniciativa própria, embora fiscalizadas pelas Câmaras Municipais como actualmente acontece.

Seria muito criterioso que, a par da assistência financeira,

lhes concedesse o Município, obrigatoriamente, sempre que requisitada, toda a assistência técnica gratuita, sem quaisquer delongas burocráticas ou políticas.

Não vemos também motivo para que a Junta de Colonização Interna não colabore com elas, estreitamente, na concessão de assistência financeira e técnica, em muitas obras de fomento agrícola que poderiam promover para uso colectivo dos paroquianos, tais como exploração de água e construção de albufeiras destinadas a irrigação, aproveitamento de baldios, etc.

No plano de construção de casas de renda económica para trabalhadores, era justo que fosse reservado às juntas de freguesia uma boa quota parte no desempenho desta altruística manifestação social.

Enfim, diremos para concluir, que nada seria demais promover para valorizar estes organismos, os que mais directamente privam com as famílias, verdadeiras células do corpo social da Nação, em que esta constitucionalmente se apoia e portanto deverá desejar bem robustas, e o Estado, pelo muito que o fortalecimento da Família lhe importa, deveria mostrar-se especialmente interessado numa vigorosa estruturação, não só moral mas também económica, daquilo a que pomposamente chama «corpo administrativo paroquial». Integrem-se as juntas de freguesia, efectivamente, na sua verdadeira função!

«Tribuna Livre» vende-se em Braga no Quiosque Central do Largo do Barão de S. Martinho.

Notícias do Canadá

Continuação da 1.ª página

Caríssimos Portugueses

«Foi grande a minha satisfação ao ter conhecido da fundação de um «Boletim». Este, sem nenhuma sombra de dúvida, servirá, entre outras coisas, de traço de união entre todos os compatriotas portugueses de Montreal, e esperemos, também de todo o Canadá.

Como capelão da colónia portuguesa de Montreal, não posso deixar de felicitar a Direcção da «União Católica Portuguesa do Canadá» por uma tão bela e interessante iniciativa. Por isso, é para mim um prazer encorajar o «Boletim». Desta forma poderia mais facilmente atingir os caríssimos portugueses que por uma ou outra razão não podem seguir de mais perto as actividades religiosas e recreativas da «União».

Minha presença hoje nas páginas deste Boletim tem duas finalidades. A primeira é um agradecimento, a segunda um pedido.

Quero agradecer antes de mais nada à Direcção da União Católica que tem-se mostrado de um devotamento a toda a prova. Desejo agradecer também a colaboração de todos os portugueses que, a exemplo do Ex. mo Sr. Cônsul Geral de Portugal, têm seguido fielmente nossas reuniões, tanto na igreja como no salão de festas. Não poderia deixar de manifestar também, em meu nome e em nome de todos os portugueses, os mais sinceros agradecimentos aos senhores Cônsules do Brasil e de Cuba e suas Ex. mas Famílias, bem como às autoridades religiosas

da igreja Norte-Dame de Montreal.

O pedido que desejo fazer é dirigido a todos os caríssimos portugueses.

Em Montreal há já alguns milhares de imigrantes vindos do Continente e das Ilhas. Em proporção é um número muito reduzido que sabe que nesta cidade há uma assistência religiosa em português e que para maior união de todos os que se acham longe do país natal (a querida terrinha) e ainda para a protecção dos mesmos, fundou-se a União Católica Portuguesa do Canadá. Todos deveriam pertencer a esta União, cuja finalidade, como já se disse diversas vezes, é puramente religiosa e recreativa.

Portanto, àqueles que são fieis às nossas actividades, peço que continuem a sê-lo. Aqueles que são um pouco negligentes, que façam um esforço maior. E a todos peço que falem, aos que ainda ignoram, da existência da União e da assistência religiosa na bela língua de Camões.

Peço ainda a todos que venham numerosos, no dia dez de Outubro, às 8 horas da noite, na Igreja de Norte-Dame, para assistir à solene coroação de Nossa Senhora de Fátima, que está connosco, há já mais de um ano.

Muito obrigado a todos.

Vosso Capelão: Pe. Astor Salgado

Padre de Sion.»

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

da a requerimento de Pedro Machado, com respostas de el-rei, pelo vice-chanceler Alvaro Pires e trata de jurisdições na vila de Santarém. Em 20 de Agosto de 1457.

4—Sentença que alcançou Pedro Machado contra Martim Vasques da Cunha, que tinha uma fazenda nas terras do conc. de E. H. e Cávado e por isso fazia violência ao povo, obrigando-o a lavar as terras da dita fazenda, fazendo tomadias e actos de honras. Mandou el-rei que nenhum fidalgo, senhor, mosteiros ou ordens fizessem ou tivessem coutos nem honras nas terras deste concelho, por serem todas dadas ao dito Pedro Machado, com todos os privilégios. Tem a data de 1461.

5—Testamento de Pedro Machado, primeiro donatário de E. H. e Cávado. Deixou a 3.ª de seus bens a sua mulher D. Inês de Gois, em sua vida e, por sua morte, viria a seu filho Francisco. Feito na vila de Portel pelo tabalião da mesma Lopo Gonçalves, quando Pedro Machado estava para embarcar em uma Armada de el-rei, a 23 de Abril de 1464.

6—Em que se declara que Pedro Machado era senhor da vila da Lousã e dava de sesmaria os campos e terras que não andavam aproveitadas, isto em 1465.

7—Doação de metade de seus bens móveis e de raiz, que fez Alvaro da Cunha do julgado de Lanhoso, para casar com a viúva de Pedro Machado, D. Inês de Gois; pelo tabalião do dito julgado, Fernão Alves, em 23 de Abril de 1466.

8—Instrumento de quitação que deu D. Frei Pedro de Gois, do conselho de el-rei, comendador de Santa Vera-Cruz, do Marmelal, a Alvaro da Cunha e sua mulher D. Inês de Gois de todos os bens que tocavam a seus netos filhos de Pedro Machado e de sua filha D. Inês de Gois, dos quais era tutor. Feito na vila da Lousã pelo tabalião da mesma, Gil Gonçalves, aos de 15 Julho de 1468.

9—Em que se declara que a igreja de S. Martinho de Carrazedo é de apresentação leiga, ou fosse, da Casa de Castro.

10—Confirmação da mesma abadia de S. Martinho de Carrazedo no padre Gil Rodrigues, apresentado por Bernardim Machado e D. Joana de Azevedo, a consentimento desta senhora e dos mais irmãos; assinada pelo arcebispo primaz D. Diogo de Sousa, de Vasconcelos, em 1500.

11—Escritura de doação da Quinta da Barrosa, no concelho de Tanoa, a qual fez Ana de Gois a seu sobrinho Francisco de Melo, em 4 de Junho de 1514.

12—Carta de mercê que fez el-rei D. Manuel a Francisco Machado, que pudesse arrecadar 180 reis, pouco mais ou menos, de cada um dos três tabaliões do seu senhorio de E. H. e Cávado, assim como lhe pagavam os demais direitos. Dada em Lisboa, a 30 de 8bro de 1514.

13—Carta de confirmação de el-rei D. Manuel, de perfilhamento que fez Ana de Gois a seu sobrinho Francisco Machado, filho de D. Inês de Gois sua irmã, dando-lhe uma quinta chamada a Barrosa, e seus casais, no concelho de Tanoa, Tavoia ou Tavora, em 1515.

14—Testamento de D. Joana da Silva, mulher de Manuel Machado, feito na Quinta de Castro pelo tabalião Diogo de Nantes. Deixou a 3.ª de seus bens a seu marido, com a condição de unir ao Morgado que instituiu D. Joana de Azevedo e sob as mesmas condições da sua instituição, em 18 de Janeiro de 1539.

15—Bula do S. to Padre Paulo 3.º que trata das duas partes dos frutos da igreja de S. Martinho de Carrazedo, a favor dos Machados seus padroeiros, e da sua apresentação; em 1546.

16—Bula do mesmo papa Paulo 3.º, e a instância de Manuel Machado, em que dava a 3.ª parte para sustentação do abade, ou reitor da referida igreja, e as duas partes para o que fosse necessário à capela de S. ta Margarida e seus administradores que pelo tempo adiante fossem; em 1548.

17—Carta do Cardeal Infante D. Henrique, a favor de Francisco Machado, senhor de E. H. e Cávado, como comendador da vila de Sousel. Ano de 1568.

(CONTINUA)